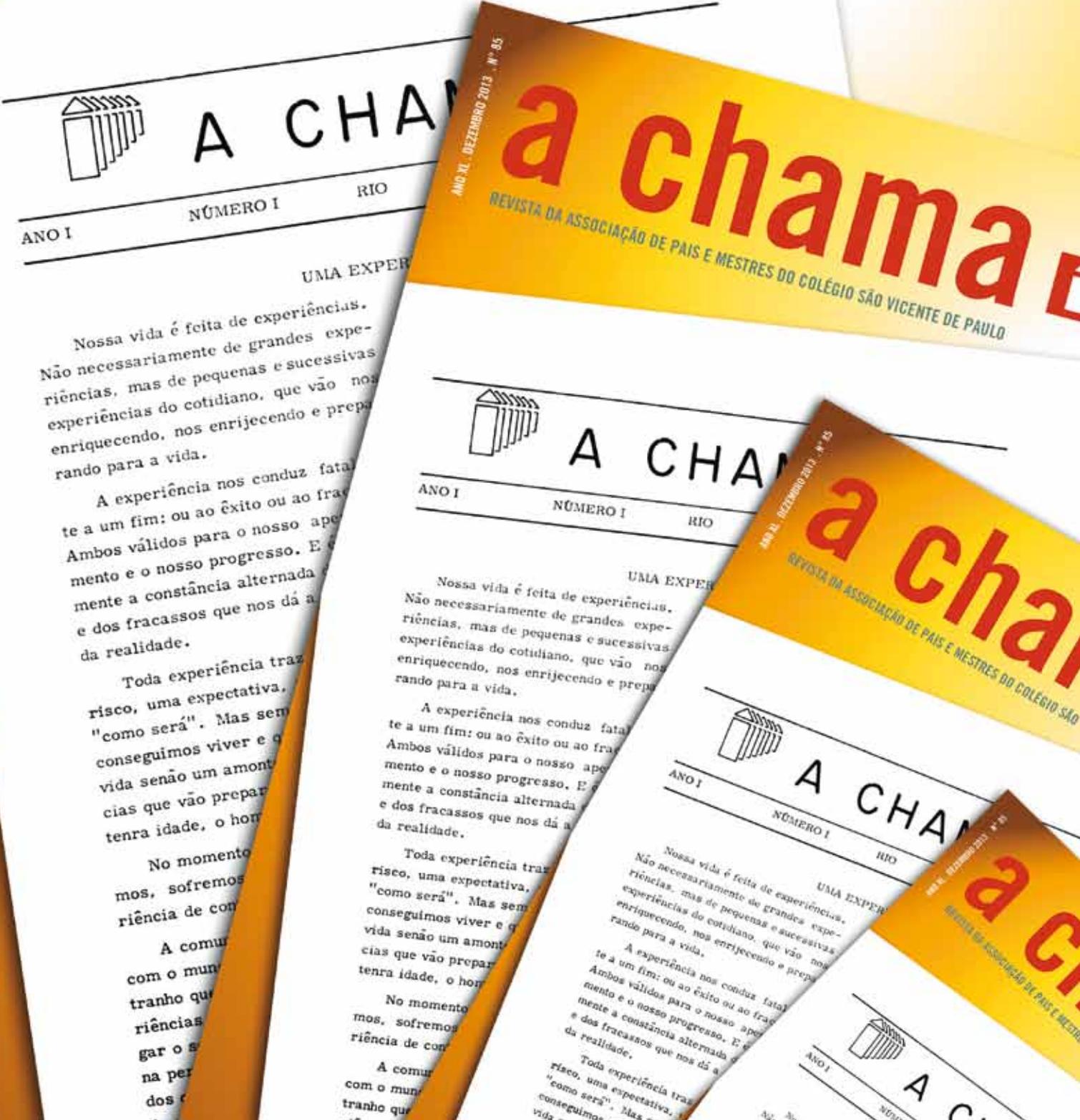


a chama



REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

40 ANOS



A CHAMA

ANO XL, DEZEMBRO 2013, Nº 85

ANO I NÚMERO I RIO

UMA EXPERIÊNCIA

Nossa vida é feita de experiências. Não necessariamente de grandes experiências, mas de pequenas e sucessivas experiências do cotidiano, que vão nos enriquecendo, nos preparando e preparando para a vida.

A experiência nos conduz fatalmente a um fim: ou ao êxito ou ao fracasso. Ambos válidos para o nosso aperfeiçoamento e o nosso progresso. E é justamente a constância alternada de sucessos e dos fracassos que nos dá a dimensão da realidade.

Toda experiência traz consigo um risco, uma expectativa, uma ansiedade, "como será". Mas sem eles não conseguimos viver e crescer. A vida senão um amontoado de experiências que vão preparando para a vida, o homem.

No momento de crise, sofremos com a experiência de constância.

A comunhão com o mundo ao nosso redor, o tranço que nos dá a experiência de constância, sofremos com a experiência de constância.

A comunhão com o mundo ao nosso redor, o tranço que nos dá a experiência de constância, sofremos com a experiência de constância.



A CHAMA

ANO I NÚMERO I RIO

UMA EXPERIÊNCIA

Nossa vida é feita de experiências. Não necessariamente de grandes experiências, mas de pequenas e sucessivas experiências do cotidiano, que vão nos enriquecendo, nos preparando e preparando para a vida.

A experiência nos conduz fatalmente a um fim: ou ao êxito ou ao fracasso. Ambos válidos para o nosso aperfeiçoamento e o nosso progresso. E é justamente a constância alternada de sucessos e dos fracassos que nos dá a dimensão da realidade.

Toda experiência traz consigo um risco, uma expectativa, uma ansiedade, "como será". Mas sem eles não conseguimos viver e crescer. A vida senão um amontoado de experiências que vão preparando para a vida, o homem.

No momento de crise, sofremos com a experiência de constância.

A comunhão com o mundo ao nosso redor, o tranço que nos dá a experiência de constância, sofremos com a experiência de constância.



A CHAMA

ANO I NÚMERO I RIO

UMA EXPERIÊNCIA

Nossa vida é feita de experiências. Não necessariamente de grandes experiências, mas de pequenas e sucessivas experiências do cotidiano, que vão nos enriquecendo, nos preparando e preparando para a vida.

A experiência nos conduz fatalmente a um fim: ou ao êxito ou ao fracasso. Ambos válidos para o nosso aperfeiçoamento e o nosso progresso. E é justamente a constância alternada de sucessos e dos fracassos que nos dá a dimensão da realidade.



A CHAMA

ANO I NÚMERO I RIO

UMA EXPERIÊNCIA

Vem aí!!!!
 Concurso de fotos do São Vicente.
 A APM e a revista A Chama vão reeditar o
 concurso de fotografia como os que
 existiam nas décadas de 60 e 70.
 No próximo número vamos divulgar as
 regras e a premiação.

a chama

Ano XL Nº 85
 Dezembro/ 2013

Revista editada pela Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Rua Cosme Velho, 241 - Cosme Velho - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22241-125
 Telefone: (21) 3235-2900 e-mail: csvp@csvp.g12.br

Supervisão Editorial: Padre Agnaldo Aparecido de Paula e Tulio Vasconcellos

Reportagem: Rodrigo Prestes

Pesquisa, Redação e Edição de Textos: Rosa Lima

Revisão: Vanda Vasconcellos

Projeto gráfico e Produção Editorial: Christina Barcellos

Fotos: arquivo CSVP, Simone Fuss, Tulio Vasconcellos e Christina Barcellos

Secretário da APM: Edevino Panizzi

Distribuição interna e venda proibida

Tiragem: 2 mil exemplares

Jornalista Responsável: Rosa Lima - Mtb: 18640/RJ

DIRETORIA DA APM

Presidentes: Carlos Diniz Marques Campos e Flavia Fioruci Bezerra

Vice Presidentes: Fernando José Rodrigues e Lucia Carvalho Coelho

Relações Públicas: Tulio Vasconcellos e Sheila Ornellas Guimarães

Secretários: Miguel Christino e Rosane Barbin Christino

Tesoureiros: Alvaro Kilkerry Neto e Verônica de Gusmão Mannarino

Conselho Fiscal: Simone Fuss Maia da Silva, Angelo Maia da Silva, Neuza Miklos, Álvaro Barbosa de Carvalho, Fernando Freire Bloise e Francisca Eliane Saraiva Freire

Representantes dos Professores: Jéssica Moura Dias Campos e André Mucci

sumário

- 2 CAPA**
 A Chama, uma experiência bem-sucedida
- 12 FÓRUM**
 Painel Família-escola
- 14 ONTEM E HOJE**
- 16 PERFIL**
 Uma professora maluquinha:
 Monica Albertino
- 20 AÇÃO PASTORAL**
 Ecos da Jornada Mundial da Juventude
- 23 CORAL**
 Nossos jovens dos 25 anos do Cantapueblo
- 26 AÇÃO PEDAGÓGICA**
 Atualização do Projeto Político-Pedagógico dá mais um passo
- 29 NOTAS e RELATOS**

editorial

Jornada Mundial da Juventude, São Vicente A Cappella nos 25 anos do Cantapueblo, Painel Família-Escola, nossa Bruxa má, Moniquete, enfeitando nossos pequenos pela paixão pelos livros e histórias, temas contemplados no nº85 da Revista A Chama.

Revista que completou 40 anos divulgando e informando o que se passa no Colégio.

Quarenta anos retratando o Colégio, o CSVP vendo-se através de manifestações diversas, feiras, debates, teatros, disputas esportivas, corais, apresentações musicais, manifestações cívicas, e os personagens por trás disso, professores, coordenadores, direção, administração, zeladoria.

O que passou e ficou registrado, a documentação da história do Colégio através da Revista A Chama.

Coube às direções da Associação de Pais e Mestres nesses 40 anos, juntamente com a direção do CSVP, a perpetuação dessa Chama. A primeira, esta última, as próximas que hão de vir.

Boa leitura.

Carlos Diniz.

UMA EXPERIÊNCIA BEM- SUCEDIDA a chama



Há 40 anos nascia A Chama, com o compromisso de registrar os fatos e promover o debate dentro e em torno do colégio. Desde então muita coisa mudou, mas o ideal de propagar a vida e o calor do São Vicente só se fortaleceu.

“Nossa vida é feita de experiências”... (e é) em nome de um compromisso (que) estamos tentando essa experiência. Um compromisso de abertura, de diálogo, de comunicação. Um compromisso de prestação de contas, de informação, de transmissão de fatos e ideias”. Assim o editorial, intitulado *Uma experiência*, apresentava *A Chama*, lançada no dia 27 de setembro de 1973, dia de São Vicente de Paulo. Há 40 anos!

“Sai a lume o primeiro número do JORNAL DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES. Bem-vindo!”, saudou na ocasião o Padre Almeida, diretor do São Vicente e supervisor editorial da revista. “E por que este nome”? perguntam-se muitos professores, pais e alunos de hoje? “A chama se constitui num simbolismo muito grande. Uma chama é algo que se reparte com os outros. O fogo simboliza a propagação de calor e vida nas culturas antigas... Uma chama, ao se dividir, nunca diminui, se expande sempre... O logotipo que criamos para a revista, uma série de velas que se sucedem, representa essa difusão de vida e amor”, disse em entrevista publicada no décimo aniversário da revista a jornalista Maria Célia Bustamante, vice-presidente da APM, mentora e diretora responsável pela publicação até o final de 1977.

De lá pra cá essa “Chama” se expandiu muito. Teve sua composição melhorada, passou a ser impressa em gráficas e teve periodicidade variada: de mensal, passou a bimestral, anual e finalmente semestral. Ganhou cores, retrancas fixas, páginas, novos colaboradores e um projeto gráfico e editorial mais profissional. Mas manteve sempre firme o compromisso de propagar o calor e a vida do São Vicente.

Nesses 40 anos, tudo o que aconteceu de mais relevante no colégio foi registrado pela revista: as benfeitorias, as mudanças na direção, o projeto pedagógico, a relação família-escola-comunidade, os debates, os fóruns, a vida escolar, associativa, esportiva, política, cultural, social e espiritual dentro e em torno do CSVP. Uma produção da Associação de Pais e Mestres, com a colaboração de muita gente. Nomes conhecidos, como Ziraldo, Laerte, Claudius, Artur da Távola, Silvia Ortof, Laura Sandroni... Outros, anônimos, mas todos apoiadores e entusiastas desse projeto, empenhados em manter viva *A Chama* do Colégio São Vicente de Paulo. Quem quiser conferir essa longa trajetória na íntegra, pode consultar a coleção de revistas na biblioteca. Ao lado, alguns destaques que selecionamos para comemorar o aniversário. Parabéns a todos nós!

Setembro de 1973

A primeira edição de *A Chama* – sem diagramação, com papel e impressão oferecidos por um pai de aluno – trouxe, além do editorial, um pequeno histórico do São Vicente, os postulados do professor, informes diversos sobre o teatro, um festival de música e o dia do ex-aluno, uma convocação para se discutir a refrigeração do colégio e a expressão de um ideal a ser seguido: a Oração de São Francisco. Em seus primeiros números a revista tinha periodicidade mensal e formato meio-ofício (22 cm x 16,5 cm), era datilografada, rodada em mimeógrafo, e feita com a colaboração de pais, alunos e professores.

Setembro de 1975

Ao completar dois anos de vida, *A Chama*, já em tipografia, impressa em gráfica e com tiragem de 1.500 exemplares, publica a sua primeira foto (ainda em preto e branco, claro). Tratava-se do registro do “grande encontro” ocorrido em 12 de agosto daquele ano em homenagem ao Superior Geral da Congregação dos Padres Lazaristas, Padre James Richardson, na foto ao lado do Padre Joaquim Horta, fundador do Colégio São Vicente.

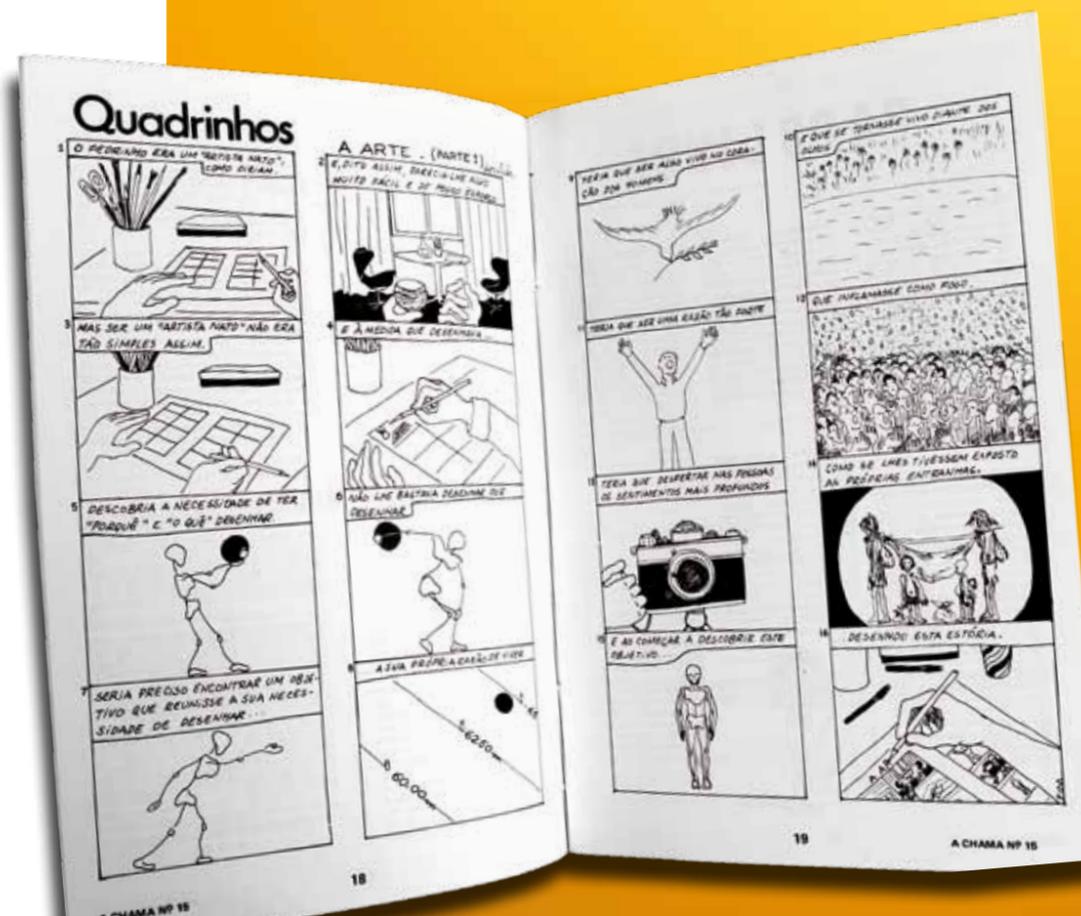


Dezembro de 1975

Em uma página inteira da revista, *A Chama* número 12 traz impressa a foto *A Escola de Nossos Dias*, de Márcia Lopes Escudero Gomes, 1ª. Prêmio no III Concurso de Fotografias do Colégio São Vicente de Paulo. A revista vai sendo melhorada a cada edição e chega ao nº 14 (maio de 1976) com uma tiragem de 2 mil exemplares.

Agosto de 1976

Uma das marcas registradas da revista nos seus cinco primeiros anos eram as histórias em quadrinhos assinadas por Maria Lúcia Bustamante, a Lula, uma das filhas de Maria Célia. Aluna do colégio, era também a ilustradora de *A Chama*, e assinou ainda muitas capas da publicação. Na edição de nº 15, ela publicou nos quadrinhos *A Arte (parte 1)*, que ganharia uma “parte 2” no número seguinte. *O Tempo*, inspirada na música *Time*, do Pink Floyd, saiu no nº 10; *A Aldeia* foi publicada em três partes, a última delas no nº 14; *O Crime* saiu no nº 17; *O Ônibus*, no nº 18, e *Vi Vendo TV*, nº 19.



Abril de 1978

No nº 23, *A Chama* ganhou novo formato (27,5 x 21 cms), mais páginas e novos responsáveis: uma direção colegiada dos dez casais à frente da Associação de Pais e Mestres, da qual faziam parte os cientistas sociais José Nilo Tavares e Roberto Gomes da Costa, e tendo como secretário de redação um ex-aluno e ex-diretor do Grêmio – Marcelo Camurça, hoje doutor em Antropologia. “*A Chama*, a partir de agora, perfila-se mais à vontade com a linha filosófica e educacional adotada pelo Colégio, expressa nos princípios da educação libertadora e do humanismo cristão”, diz a nota explicativa publicada na pág. 3.

Dezembro de 1979

Com uma foto do Padre Almeida na capa, a revista registra, com uma grande matéria e muitos depoimentos, a saída daquele que foi seu diretor durante 13 anos e imprimiu mudanças expressivas no colégio, como a adoção da Educação Libertadora e a entrada de meninas, entre outras. *A Chama* nº 27, já com o logotipo em letras minúsculas, como atualmente, volta a ter Maria Célia Bustamante como diretora responsável e traz a cobertura de uma importante mesa-redonda realizada no colégio: “*A Televisão e Nossos Filhos*”, que contou com a presença do jornalista e crítico de TV Artur da Távola, pais de três alunos do colégio.

Dezembro de 1980

Esta revista de nº 30 é toda dedicada ao professor Jorge Luiz de Souza e Silva, que era muito querido por todos no colégio e que renunciara em novembro a seu cargo de coordenador do 2º. Grau (atual Ensino Médio). “O valor com que desempenhou seu ofício tornará difícil uma substituição adequada”, diz o editorial.



Maio de 1980

A partir desta edição, com a saída da jornalista Maria Célia Bustamante, o novo diretor do SV, Padre Lauro Palú, assume a direção da revista pelos 16 números seguintes. É ele também quem assina a matéria comemorativa dos 20 anos da Associação de Pais e Mestres, celebrados com um jantar e uma missa de Ação de Graças. (fotos páginas 4 e 5)



Setembro de 1982

A política é o destaque desta edição, que traz a cobertura do seminário *Política posta em questão*, promovido pela Associação de Pais e Mestres e pelos grêmios estudantis no auditório do São Vicente. Estiveram presentes os candidatos a governador, Leonel Brizola e Lysâneas Maciel, a senador, Artur da Távola e Célio Borja, a deputada federal, Henriete Amado e a vereador, Carlos Alberto Afonso. A revista registra também a retomada do vigor dos grêmios (*Chapas eleitas dinamizam os grêmios e agitam o colégio*) e a realização do 1º. Ciclo da Escola de Pais, um conjunto de dez reuniões organizadas pelo CSVP com o intuito de orientar os pais na educação de seus filhos.

Outubro/Novembro de 1983

O nº 39 de *A Chama* cobriu o ciclo de palestras que mobilizou o colégio nos meses de agosto e setembro daquele ano. *Brasil: de 64 à abertura – fatos geralmente ocultados ou distorcidos da nossa história foram analisados por quem deles participou*, dizia a revista. Estiveram presentes o ex-deputado Márcio Moreira Alves, Frei Betto, o então editor de *Política do Jornal do Brasil*, Wilson Figueiredo, o jurista Raymundo Faoro e o sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

Janeiro/Junho de 1984

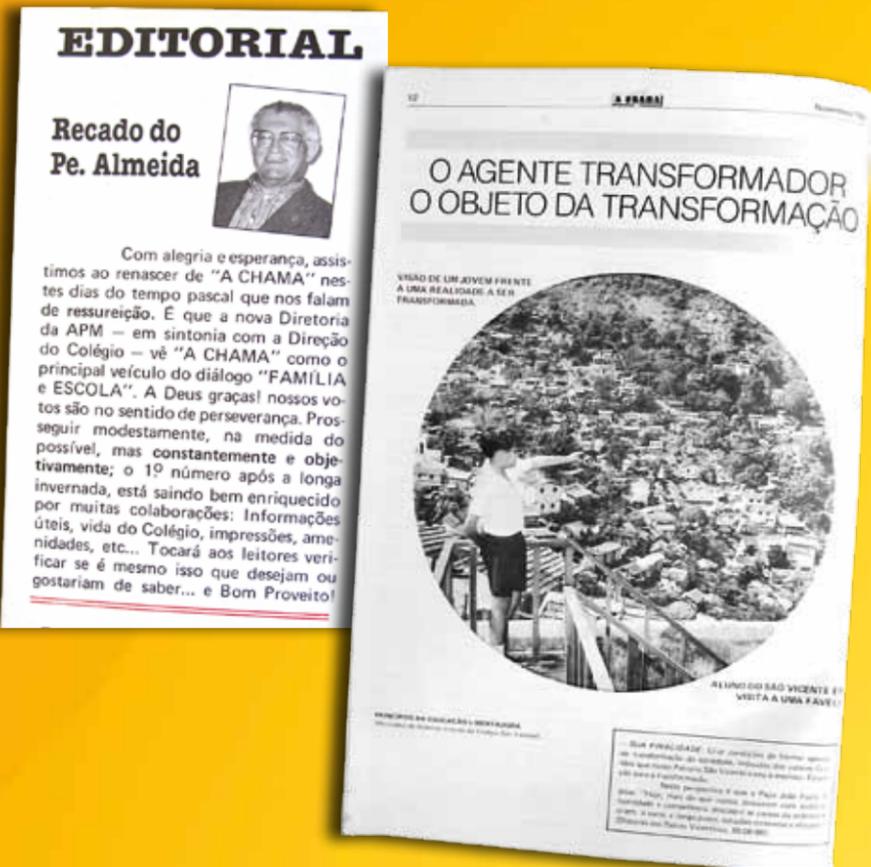
Em dezembro de 1983, o Colégio São Vicente viveu uma crise decorrente da demissão de dez professores e um coordenador. Inconformados com a medida, cerca de 400 alunos, pais e professores fizeram, no pátio do colégio, uma vigília que durou mais de um mês e culminou com o desligamento de vários deles da escola. É sobre essa crise que o Padre Lauro se refere no editorial da revista n. 41. Suas consequências se fizeram sentir por muito tempo e respingaram também n’*A Chama*, que ficou sem circular por quase três anos depois da edição seguinte.

Setembro/Dezembro de 1984

Numa edição histórica, com 48 páginas, em comemoração ao Jubileu de Prata do São Vicente, *A Chama* entrevistou os quatro diretores que ajudaram a construir o colégio: Padre Horta, seu fundador, já como capelão do Santuário da Medalha Milagrosa, no Rio de Janeiro; Padre Marçal, que havia deixado o ministério sacerdotal e atuava como professor de História do colégio; Padre Almeida, então assistente geral dos Lazaristas, em Roma e Padre Lauro, em sua primeira gestão como diretor do São Vicente.

Junho de 1987 (relançamento)

Sem número na capa e em novo formato (32 x 21,5 cms), A Chama volta a circular em junho de 1987 depois uma ausência de mais de dois anos. No editorial, um recado de Padre Almeida, que voltara a dirigir o colégio em setembro de 1986 e permaneceria no cargo até sua morte, em 1999: “o 1º número, após longa internada, está saindo bem enriquecido por muitas colaborações”. De fato, dela participaram muitos pais, professores, alunos e funcionários.



Novembro de 1987

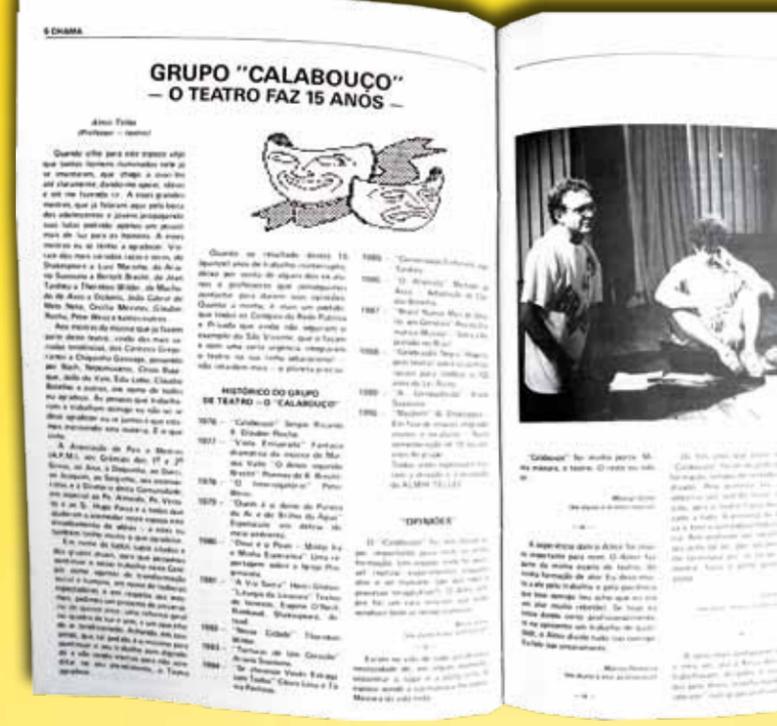
Ainda no mesmo formato do número anterior, esta edição de A Chama constata em seu editorial a “alienação e a falta de participação dos alunos”, afastados da política e de diversas atividades mais engajadas no colégio, e conclama todos “a uma inserção crítica, que é ação transformadora, politizadora”. A foto da contracapa reflete esse espírito, com um aluno em visita a uma favela e o título: “O agente transformador e o objeto da transformação”.

Setembro de 1989

Com um apelo à comunidade do São Vicente para que fizesse renascer A Chama com periodicidade constante, de forma que a memória do colégio fosse preservada, APM lançou uma edição comemorativa dos 30 anos do CSVP, com 56 páginas e muitos artigos e depoimentos de pais, professores, alunos e ex-alunos fazendo um balanço de sua história. Um belo e importante registro!

Dezembro de 1990

Esta edição de A Chama traz muitas homenagens especiais: aos 30 anos de criação da Associação de Pais e Mestres, saudada em artigos do casal-presidente, Anamaria e Pedro Paulo, e do diretor do colégio, Padre Almeida; aos 30 anos das Voluntárias da Caridade, com uma entrevista com suas responsáveis, Dinah Costa e Léa Rocha Lima; à Dona Teresina, que se aposentava da função de secretária do colégio, exercida por também 30 anos; e aos 15 anos do grupo de teatro Calabouço, com depoimentos dos ex-alunos que se profissionalizaram na área, entre eles Moacyr e Leon Góes, Marcos Palmeira, Cláudio Botelho, Mauro Viana e Gustavo “Gruta” Guenzburger.



Dezembro de 1992

Este foi o ano do processo de impeachment de Fernando Collor, o primeiro presidente eleito pelo voto direto depois da ditadura militar. E a ativa participação dos alunos do Colégio São Vicente de Paulo nas manifestações de rua, que culminaram na sua renúncia no final do ano, foi amplamente registrada e analisada nas páginas da revista A Chama em dezembro. Sob a retranca “o ver, o julgar e o agir dos alunos do São Vicente”, foram oito páginas com artigos, depoimentos, poemas, cartas e fotos sobre esse importante momento da história do colégio e do Brasil.

Dezembro de 1993

Comemorando seus 20 anos de existência, A Chama trouxe na capa uma ilustração inédita de Ziraldo, pai de três ex-alunos do colégio: um “São Vicente, com seu jeito bonachão”...“certamente a primeira caricatura pessoal de um Santo publicada na imprensa brasileira”, diz o próprio autor, na página 2. A revista registrou também três acontecimentos importantes: a visita do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, ao colégio, quando foi lançada a semente para a criação do Comitê Graúna, contra a miséria e a fome; e o adeus a duas personalidades de peso para o São Vicente: o acadêmico Austregésilo de Athaide, “padrinho da primeira hora”, e o professor Jorge Luiz, “grande presença no 2º Grau, de que foi Coordenador, animador, orientador pedagógico e, sobretudo, amigo de tantas gerações de jovens...”.

Março de 1988

Paralelamente à promessa de que a revista A Chama não seria extinta, a Associação de Pais e Mestres do São Vicente lança Chamativa, um boletim informativo de quatro páginas, “simples, artesanal, objetivo e direto. Além de não custar muito, é mais fácil de ser feito todo mês”, diz o texto de sua apresentação. E mais uma vez o tom é o chamamento aos pais, mães, alunos e mestres à participação. Em abril, saiu o nº 2.



Dezembro de 1996

A edição de nº 54, ano XXIV, registra um fato curioso: a numeração errada de edições anteriores. A errata, publicada na pág. 1, explica o seguinte: “Em setembro de 1973 surgia o primeiro número de *A Chama*. Em dezembro de 1993, estávamos em nosso nº 50, mas por engano a edição saiu registrada como nº 28. Isso provocou erro na numeração dos três números seguintes (dezembro de 1994, agosto de 1995 e março de 1996): elas saíram como nº 26, 27 e 28, mas o correto seria 51, 52 e 53. Pedimos desculpas aos leitores”. Na última página, outra curiosidade interessante: com o título de “Um sonho realizado”, a revista publica uma linda foto de meninas jogando bola no pátio, com um texto da aluna Maria Carolina, da turma 22, contando a história: “Tudo começou porque as meninas não podiam jogar futebol”, dizia ela, pra terminar assim: “Vai lá ver, um dia, a gente jogar!”. Emocionante, não?



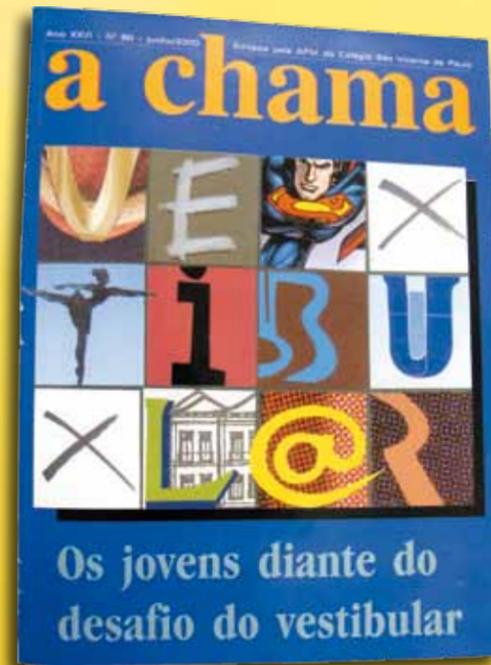
Novembro de 1999

Assinado pela coordenadora acadêmica do colégio, Nina Maria da Cunha, a matéria de capa “Projeto pedagógico: onde estamos, para onde vamos?” fala do documento elaborado pela comunidade educativa, contendo “o diagnóstico do nosso tempo” e “a Escola que queremos”. Esta edição traz também uma grande reportagem e muitas homenagens a Padre Almeida, morto em 11 de maio daquele ano, vítima de um infarto, e ainda uma entrevista com Padre Lauro, que voltava a dirigir o colégio, cargo em que ficou até o início deste ano.



Junho de 2000

Já com Padre Lauro Palú novamente à frente da direção do colégio e dividindo a supervisão editorial com o presidente da Associação, Jorge Faulhaber, a revista nº 60 ganha contornos ainda mais profissionais. Com um novo projeto gráfico, assinado pelo designer Oswaldo Eduardo Lioi, vice-presidente da APM, ao lado de sua mulher, Carla, *A Chama* fica mais moderna, com 4 cores, retrancas definidas e mais espaço para fotos, claros e ilustrações. A periodicidade também fica mais regular: semestral. A matéria de capa é “Os jovens diante do desafio do vestibular”. O perfil, com uma ótima ilustração de Iuri Lioi, é dedicado a Hugo Santos Martins Pinheiro, ou simplesmente o professor Hugo, de física, com o simpático título: “O bruxo mais querido”. E no fórum, uma discussão sobre a censura.



Junho de 1998

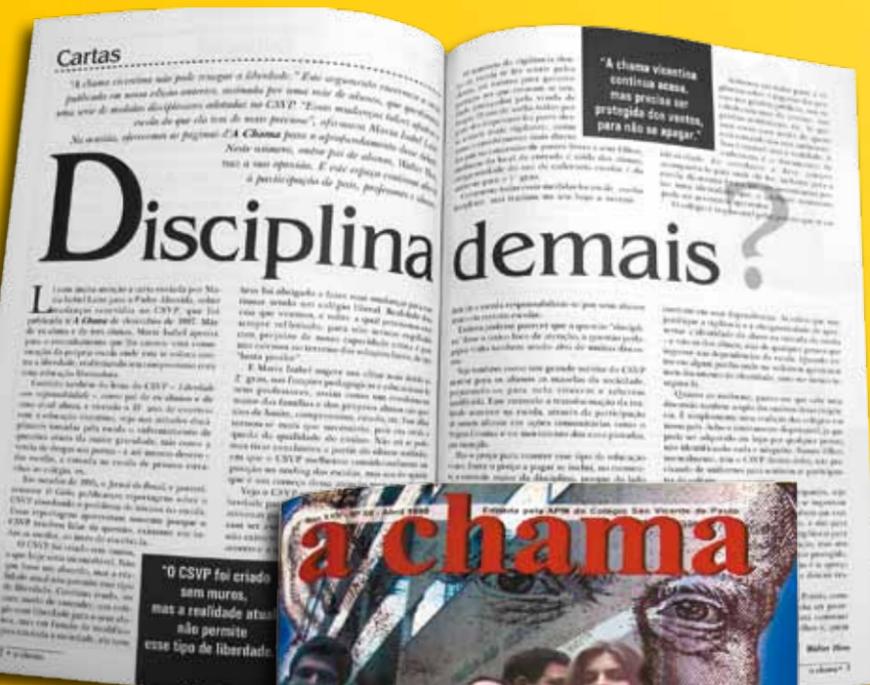
“Disciplina demais?”. A partir da carta de Maria Isabel Leite, mãe de alunos, publicada no nº 55, em que questionava um certo endurecimento na linha pedagógica do São Vicente (“A chama vicentina não pode renegar a liberdade”, dizia), a revista decide abrir o debate a toda comunidade do colégio num grande fórum sobre o tema. O primeiro a se manifestar é Walter Hess, então presidente da APM. Para ele, “para não se apagar, a chama precisa ser protegida dos ventos”, diz, defendendo as medidas de disciplina mais rigorosas adotadas pelo colégio.

Dezembro de 2000

Em setembro daquele ano, *A Chama* participou da Feira de Comunicação e Linguagem realizada pelo colégio com a exposição “Como se faz uma *A Chama*?”. Dividia em quatro módulos – a história, as ilustrações, projeto gráfico e editorial, e a linha de montagem – a exposição, registrada pelo nº 61 da revista, respondia à pergunta assim: “com técnica, dedicação e colaboração”. A resposta continua válida até hoje!

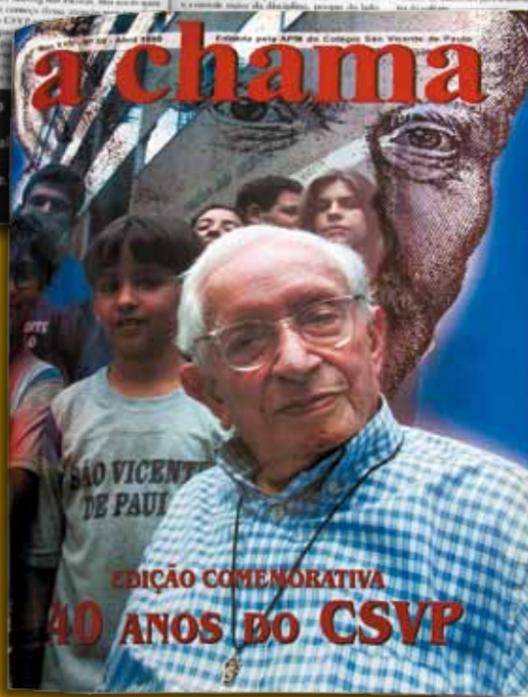
Março de 2001

A revista presta uma homenagem a seu fundador e primeiro diretor, Padre Joaquim Horta, falecido em novembro de 2000 aos 93 anos. Ele foi o responsável também por pequenas, mas significativas invenções adotadas pelo colégio, tais como o sanduíche de pão de forma no lanche dos alunos, e o 13º salário pago aos funcionários, antes mesmo de isso se tornar lei. A ótima ilustração de Padre Horta é, mais uma vez, de autoria do ex-aluno Iuri Lioi.



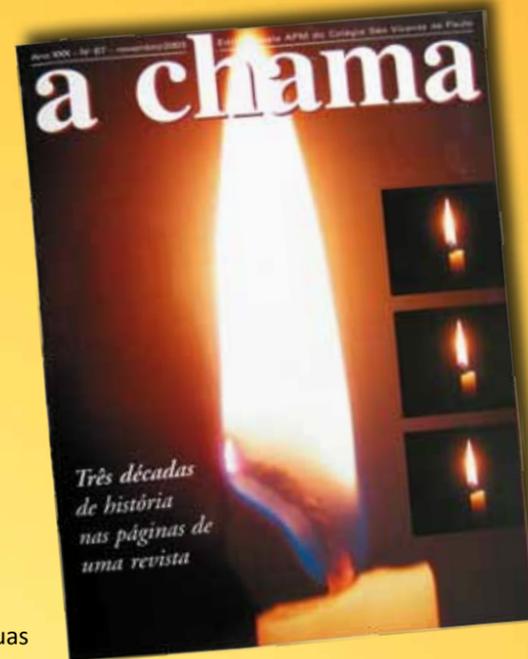
Abril de 1999

Mais profissional, em papel couché e com muitas páginas coloridas, esta edição comemorativa dos 40 anos do colégio foi também a última que contou com a participação de Padre Almeida (que viria a falecer no mês seguinte) com sua já tradicional seção *Você estará lembrado*, em que registra o dia a dia do São Vicente com suas anotações. A revista trouxe ainda um debate sobre o projeto pedagógico do colégio, um registro em fotos de 40 anos de esportes na escola e uma reportagem com um tema caro aos jovens: “Dirigir aos 16?”. Na última página, uma carta do então senador Artur da Távola, pai de três ex-alunos do São Vicente, considerado por ele “um viveiro de liberdade”.



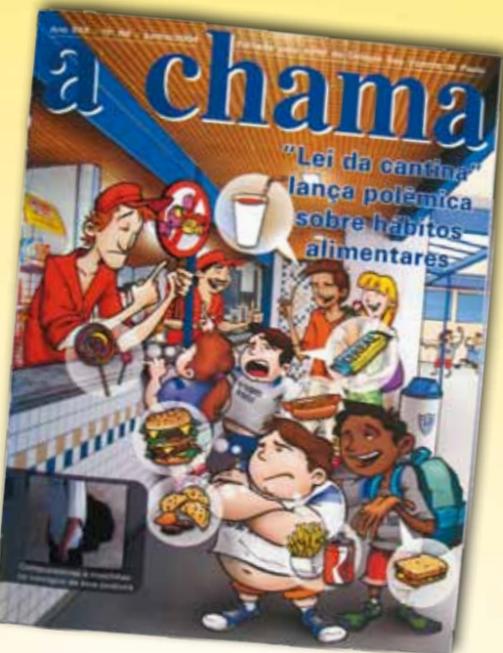
Novembro de 2003

Com o casal presidente Sergio Castiglione e Denise Braune em seu segundo mandato, a APM lançou uma edição comemorativa dos 30 anos da revista *A Chama* com 48 páginas. Em destaque, uma matéria especial celebra os 10 anos do Comitê Graúna, batizado em homenagem a um dos principais personagens do cartunista Henfil, irmão do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, líder da Campanha da Cidadania Contra a Miséria e pela Vida, abraçada pelo grêmio do São Vicente. Tudo a ver com um colégio cujo lema é formar agentes de transformação social.



Junho de 2004

A Chama nº 68 tem como destaque duas matérias – uma delas de capa – sobre temas importantes para a saúde dos alunos. Uma trata da polêmica Lei da Cantina, que passou a proibir a venda de guloseimas e alimentos gordurosos nas escolas; a outra tem como tema as mochilas carregadas de livros e pesadas demais, acusadas – juntamente com o uso excessivo de computadores – de serem os grandes inimigos da boa postura de nossas crianças e jovens.



Novembro de 2005

A entrada do laboratório de informática na era multimídia ganha registro na revista. Junto com as equipes do Audiovisual e da Produção de Vídeo foi feito o primeiro trabalho de animação com massinha. “O envolvimento dos alunos na atividade foi total; todas as etapas de produção foram integralmente realizadas por eles: criação, confecção, dublagem e trilha sonora”, destaca a matéria.



Junho de 2008

A partir deste número (74), *A Chama* ganha uma atualização de seu projeto gráfico: são modernizadas as barras das retrancas, a tipografia e o logo da revista, que ganha boxes, mais espaços claros e melhor qualidade das fotos e da impressão. A matéria de capa desta edição destaca a pintura dos muros do São Vicente: criatividade e beleza nas paredes do colégio.



Junho de 2009

O “Domingão Vicentino”, iniciativa conjunta da direção do colégio, da Compasso e da Província Brasileira da Congregação da Missão, com o apoio do grupo MAS (Multiplicadoras na Ação Social) ganhou destaque na edição nº 76. A reportagem explica todas as etapas do evento que, anualmente, atende moradores de comunidades pobres do Rio.



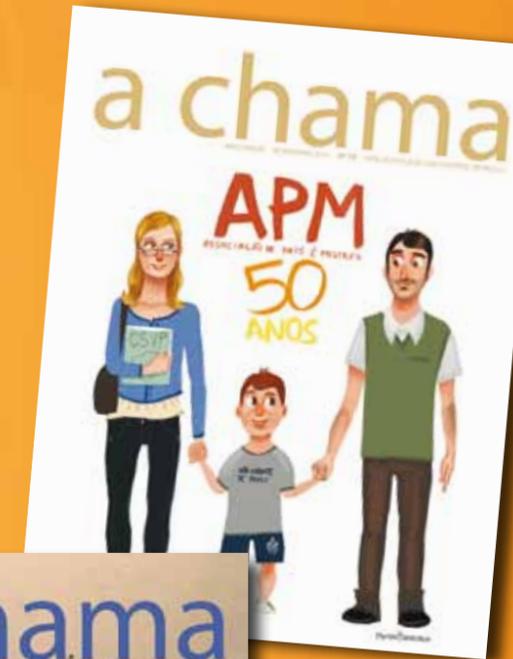
Dezembro de 2009

Os 50 anos do Colégio São Vicente são celebrados também pela revista com uma edição especial. Com 80 páginas, fartamente ilustrada, *A Chama* nº 77, um projeto editorial da jornalista Luciana Cabral e da designer Christina Barcellos, é um documento importante para a memória do colégio. Com uma linha do tempo 1959-2009, ela acompanha os principais fatos que marcaram a história do São Vicente.



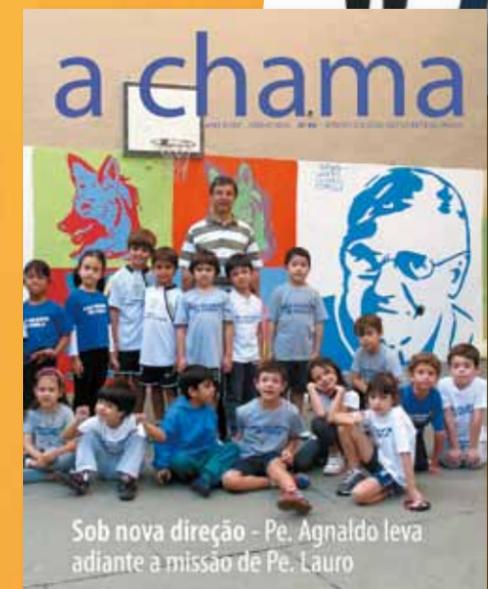
Novembro de 2010

Ilustrada pela aluna Mariana Barrocas, *A Chama* nº 79 homenageia os 50 anos da Associação de Pais e Mestres. A história da APM, criada em 3 de maio de 1960, os projetos por ela apoiados, a participação das diversas diretorias e depoimentos de funcionários, professores, pais, alunos e do diretor, Padre Lauro Palú, registrados na matéria, atestam a importância dessa parceria família-escola para o sucesso do Colégio São Vicente de Paulo.



Junho de 2013

Já com a atual diretoria da Associação empossada e à frente da revista, o último número de *A Chama* registra a mudança na direção do colégio, com duas entrevistas de peso: uma do novo diretor, Padre Agnaldo Aparecido de Paula, e outra de Padre Lauro Palú, que deixava o colégio depois de 14 anos seguidos na direção. A revista, há três anos feita pela atual equipe de jornalistas – Rodrigo Prestes e Rosa Lima, mostra também que os computadores com acesso a internet e projetores já fazem parte do dia a dia dos alunos e professores.



Painel Família-Escola



Da esq. para a dir., as psicólogas Angélica Borba, Cristina Espanha e Patrícia Rubim no painel, que contou com a participação do diretor do São Vicente, Padre Agnaldo

Encontro discutiu a educação na contemporaneidade, relacionando as dificuldades inerentes ao processo educacional com as novas formas de organização da sociedade e as mídias sociais. Novos painéis estão previstos para 2014. Participe!

Novas configurações familiares, dificuldades de lidar com limites, excesso de informações, dispersão, velocidade, fragmentação, imediatismo, impulsividade... Não são poucos os desafios que enfrenta quem tem a responsabilidade de educar. Com o intuito de instigar Pais, Professores, Alunos e Funcionários a pensarem nas diversas possibilidades de relacionamento entre a Família e a Escola para melhor lidar com esses desafios, foi realizado no dia 30 de outubro no auditório do Colégio um painel dedicado ao tema.

O painel contou com a participação de três profissionais da área da psicologia e discutiu a educação na contemporaneidade, relacionando as dificuldades inerentes ao processo educacional com as novas formas de organização da sociedade e as novas mídias sociais. A coordenadora do Serviço de Orientação Educacional (SOE), Patrícia Rubim, a psicopedagoga Cristina Espanha e a psicóloga clínica Angélica Borba foram as palestrantes da noite.

Patrícia iniciou sua apresentação com um vídeo da universidade americana Ringling College of Art and Design intitulado “Cérebro Dividido”, que mostra um casal saindo pela primeira vez e as batalhas internas que acontecem na mente de cada um. Segundo Patrícia, uma das funções do Colégio é lidar com crianças e jovens em que,

como no vídeo, o inconsciente não para de aflorar. Num mundo que cultiva cada vez mais valores como a momentaneidade, a velocidade e a dispersão, esse desafio parece se tornar maior a cada ano.

Excesso de horizontalidade

“Estamos vivendo uma mudança de épocas em que há uma grande preocupação com os direitos humanos, com diversos estatutos como o da Criança e do Adolescente e o do Idoso, e com o meio ambiente. Mas o ser humano ainda é muito frágil internamente, tem um equilíbrio muito precário. E uma das tarefas da Escola é formar cidadãos que possam viver em sociedade de forma integrada, participativa e solidária, tanto emocionalmente quanto intelectual, social e politicamente”, revelou Rubim.

A coordenadora do SOE também abordou as novas configurações familiares, lembrando que os atuais educadores ainda estão se adaptando e buscando novas formas de atuação nesses contextos. As famílias divorciadas, adotivas, homoafetivas, pluriparentais ou monoparentais são cada vez mais comuns, e a Escola aos poucos aprende a absorver os novos padrões e a lidar com eles.

Além disso, nas últimas décadas, a cassação da autoridade criou um ambiente complicado para as instituições que precisam dela para sobreviver, como a Escola. “Antigamente, as decisões eram tomadas apenas pelos Pais, e aos filhos cabia apenas obedecer. Hoje chegamos a um outro extremo, em que muitas vezes os filhos comandam a vida dos Pais e tomam decisões que não têm maturidade para tomar. Um equilíbrio é necessário”, opinou.

A orientadora Cristina Espanha, que falou em seguida, também pontuou a questão dos atuais estímulos que os jovens recebem a viver pelos sentidos, de forma impulsiva, e com cada vez mais informações. Em nenhum outro momento histórico tantos casos de hiperatividade foram diagnosticados. Para a psicóloga, a capacidade de esperar, tão essencial à vida humana, tem sido perdida nos últimos tempos.

A importância do limite e da hierarquia

“Não há aprendizado sem sofrimento, sem perda, sem vazio. E hoje os jovens estão aprendendo a lidar com a velocidade como algo obrigatório, básico, de modo que esse tempo de maturação tem sido perdido. É natural que os Pais queiram dar liberdade a seus filhos, mas também é preciso impor limites, ter uma hierarquia clara, e saber que esses processos de amadurecimento vão acontecer, e nem sempre serão fáceis”, revelou Cristina.

Discorrendo sobre a importância da Escola como lugar de aprendizado para a vida, a psicóloga enfatizou que antes de qualquer coisa é nesse espaço que as crianças aprendem a partilhar, dividir, lidar com o vazio de não ser o seu tempo e respeitar o tempo e o espaço dos outros. Para ela, os movimentos de “desescolarização” que recentemente surgiram para lutar pela possibilidade de se ter a opção de botar ou não filhos na Escola desconsideram esse lado essencial do convívio, considerando apenas os conteúdos programáticos como a base de um bom Colégio.

“Não há aprendizado sem sofrimento, sem perda, sem vazio. E hoje os jovens estão aprendendo a lidar com a velocidade como algo obrigatório, básico, de modo que esse tempo de maturação tem sido perdido”.

Cristina Espanha, psicopedagoga



“Há um esvaziamento da função da Escola hoje, na medida em que a própria função da família ficou esvaziada. Muitas famílias acreditam que a função de educar é do Colégio, e lidam com ele numa relação de simples clientes, ameaçando processar caso o filho não ganhe mais um décimo para passar de ano. Mas o que estamos ensinando a nossos filhos quando fazemos isso?”, questionou Cristina.

Angélica Borba, a terceira palestrante, mãe de dois Alunos do Colégio, também comentou sobre o tema da impulsividade e de como a psicologia trabalha para aumentar o tempo natural entre a resposta do cérebro a um estímulo e a ação do indivíduo. Segundo ela, é preciso aprender a não seguir esse reflexo instintivo todo o tempo, agindo de forma mais ponderada.

No debate que se seguiu, temas como a volatilidade do conhecimento e a dificuldade dos Pais e do Colégio em dizer “não” aos Alunos e filhos foram levantados. O fórum fez parte da série iniciada pela Associação de Pais e Mestres que deverá contribuir para o processo de atualização do Projeto Político-Pedagógico do Colégio, atualmente em curso.

ONTEM E HOJE



Nos anos 60, duas turmas descem a ladeira do colégio acompanhadas das professoras. Cinquenta anos depois, a área está ocupada com novas benfeitorias — laboratórios, enfermaria e banheiros, e parte da pista é usada como estacionamento.



Em 1976, os alunos ainda jogavam vôlei numa rede armada no pátio do colégio. Hoje os jogos acontecem na quadra polivalente do ginásio. Mas o professor Paulo (de calça de ginástica escura) é o mesmo e continua a apitar os jogos.



Na época da inauguração, o diretor, Pe. Horta, observa as obras na entrada do colégio, então sem muros. À direita, a fachada como é hoje.

UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA



No comando da Sala de Leitura, espaço preferido de muitos Alunos, está uma personagem especial adorada por todos: “Moniquete, a bruxa má”. É a professora Mônica Albertino.

Quadros nas paredes, livros nas prateleiras, fantasias espalhadas pelo pequeno palco e muita história para contar: vai começar mais um dia na Sala de Leitura Menino Maluquinho, a biblioteca infantil do São Vicente. Centenas de títulos infanto-juvenis avolumam-se na sala, e vão do terror ao drama, dos livros de trocadilhos às tão procuradas enciclopédias, incluindo os livros confeccionados e escritos pelos próprios Alunos. Mas é quando a personagem principal entra em cena que o show começa: Mônica Albertino, a “Moniquete”, a “bruxa má” preferida dos Alunos.

Formada em pedagogia, arte-educação com especialização em dificuldades de aprendizagem, Mônica trabalha no Colégio há 15 anos, e apesar de hoje ser uma grande devoradora de livros, conta que começou a ler tarde, com 12 anos, por influência de sua professora de geografia que resolveu trabalhar a Europa com as histórias do Rei Arthur.

“Ela abria um mapa no chão e ia fazendo a trajetória do Arthur. Foi ali que eu comecei a ler, e hoje eu acho que já li quase todas as versões do mundo dessa história, ainda é meu estilo de texto preferido”, revela.

E por que “bruxa má”?

“Eu fui criando um personagem ao longo do caminho. Em cima da Sala de Leitura tem o ginásio, que faz muito barulho, e aí eu criei o Ronaldo, que é o meu jacaré de estimação, que mora embaixo do palco e come crianças fofinhas, mas está de dieta! E eu virei a bruxa má porque falava para os Alunos beberem água antes de entrar na sala, mas alguns esqueciam e entravam direto. Quando eles me pediam para sair e eu não deixava, eles começaram a brincar que eu era muito má.”

Daí em diante, a história só foi ganhando corpo: o cursor do seu computador de trabalho é em formato de bruxa; duas bruxinhas de brinquedo penduradas pela sala mudam de local toda semana, para o delírio dos pequenos, que fantasiam sobre seus motivos e dizem que elas estão vigiando tudo. Nas histórias que os Alunos escrevem, Moniquete é figura fácil: é devorada por monstros, já namorou um lobisomen, é amiga de um esqueleto e de um vampiro, mora nas Terras Sombrias, que ficam a nove dias de viagem, aonde todos os monstros do folclore também foram morar.

“A gente se diverte muito, e as crianças adoram a Sala. O espaço abre três vezes por semana à tarde e duas vezes de manhã na hora do recreio, e sempre fica lotado. Às vezes eu tenho que pedir para as crianças irem comer, porque elas esquecem, querem só ficar por aqui”, conta.

Incentivo à leitura

Mas nem só de recreios vive a Sala de Leitura. Até ano passado, todas as turmas do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental já tinham um tempo por semana por lá, e este ano foi a vez do 1º ano entrar na roda, para inveja dos outros. A Sala desenvolve projetos de incentivo à leitura, e todas as atividades ali têm esse objetivo: ajudar os Alunos a ler melhor, a compreender o que leem, a se divertir lendo, e a amarem ler.



O pensamento é organizado de três formas: primeiro com a oralidade, seguida pela imagem, e por último o texto, de acordo com o desenvolvimento das próprias crianças, que primeiro falam, depois desenham e finalmente leem.

“No início não foi fácil, tive que conhecer todos os livros, um a um, pensar o espaço, estudar contação de histórias, os gêneros literários, os vários tipos de textos. Também estudei cultura popular a fundo e comecei a usar o conteúdo para ir além dele, inserindo as diversas linguagens no lidar com as crianças”, revela Mônica, que desde sua primeira turma é homenageada todos os anos pelos formandos do Colégio.



Também não é para pouco: a Sala de Leitura é a “disciplina” preferida de muitos Alunos, que passam recreios a fio lendo e brincando no espaço. O pequeno palco do local é enriquecido pelo baú de fantasias, que transforma meninos em meninas, num brevíssimo espaço de tempo, em médicos, garçons e madames de mentirinha - um dos exercícios mais queridos dos pequenos.

“O teatro também é um local de organização do pensamento na oralidade. Tem exercícios como o “palco relâmpago”, em que um tema é jogado e em 10 segundos os Alunos têm que preparar uma cena. Eles fazem uma bagunça, mas depois arrumam tudo. E sempre trazem de casa gravatas, bigodes e acessórios”, conta.

“Adoro compartilhar com os Alunos, respondo todas as suas postagens. Tem Aluno que só escreve “Oi, Moniquete”, mas mesmo assim eu respondo.”

Mônica Albertino

Moniquete (ao fundo) posa para a revista com os alunos da turma 301



Uma das atividades preferidas dos alunos são os esquetes teatrais, que eles improvisam em duplas ou pequenos grupos. Na foto, a turma 101.

O sucesso da Sala é tão grande que foi criada uma página na internet para postar seu conteúdo, um blog e uma comunidade no Facebook, que já conta com mais de 300 participantes e atualizações quase que diárias. São postadas fotos de eventos, dicas de passeios, peças e livros, além de muitas criações dos Alunos. E já tem até gente de fora do Colégio curtindo e trocando com a página, para delírio de sua organizadora.

“Adoro compartilhar com os Alunos, respondo todas as suas postagens. Tem Aluno que só escreve “Oi, Moniquete”, mas mesmo assim eu respondo. E lembro o nome de todos eles, os Alunos e ex-Alunos, é assustador. A ligação com eles continua mesmo depois de formados. Tem muito ex-Aluno que continua me mandando sugestões de livros, de exposições, ideias de viagens, um monte de coisa”, revela.

E não bastasse tanta atividade, ela ainda ministra cursos extras, oficinas de leitura e redação, para Alunos do 2º ao 5º ano. Nelas, os participantes aprofundam ainda mais as formas de organizar seu pensamento para outros, produzindo registros escritos individuais, que são também corrigidos individualmente.

“Tem criança louca por livro novo, gosta de sentir o cheiro, de ficar folheando; e tem os que só gostam de livros velhos, dizem que já foi muito lido, então deve ser muito legal. Tem os que só leem livros de receita e os que preferem as grandes coleções. Mas vê-los escrevendo sem parar e querendo escrever mais e mais, desenvolvendo suas formas de expressão e chegando a redigir livros inteiros, não tem preço”, conclui.



Veja também:
www.csvp.g12.br/comunidade/bibliotecas/infantil/bibli_infantil.htm
csvpsaladeleitura.blogspot.com.br/
www.facebook.com/csvpsaladeleitura?ref=hl

Ecos da Jornada Mundial da Juventude

“A Jornada Mundial da Juventude não significava muito pra mim antes de eu me tornar uma voluntária no São Vicente. Primeiramente, meu objetivo era ir para me comunicar com pessoas diferentes e conhecer diversas culturas, além de treinar meu inglês. No primeiro dia da JMJ em que eu fui ao colégio, eu concluí que não estava no São Vicente. O pátio, lugar do nosso recreio, estava repleto de banheiros químicos. Havia varais com roupas, toalhas, calcinhas, sutiãs e cuecas nos corredores dos andares. As nossas salas de aula viraram aposentos com inúmeros sacos de dormir, colchões, malas, cobertores e mochilões de viagem.

Cerca de 300 jovens chegaram por volta das 22h, e eu, Gabriela Correa e Fernanda Kuster tivemos o prazer de ajudá-los traduzindo algumas coisas e explicando outras. Conhecemos muita gente e trocamos muitas ideias. Muitos deles tinham o sonho de vir ao Brasil e ficaram maravilhados com o nosso país. Até conseguimos tirar alguns estigmas que tinham da cidade, já que muitos achavam que com certeza seriam roubados, mas depois viram que não é essa coisa absurda como é relatada nas mídias e em diversos lugares.

Recebemos perguntas do tipo “Por que vocês estão na escola durante as férias? Eu não teria vontade de fazer isso.” Mas no São Vicente é diferente. Temos oportunidade e vontade de participar de inúmeras atividades, o que nos faz ir ao Colégio até mesmo nas férias!

Nesse primeiro dia como voluntárias, chegamos ao Colégio em torno de 21h e saímos apenas à 1h. Durante mais ou menos uma semana fomos ao Colégio, cada vez com mais vontade de ficar por lá, ajudando, conhecendo, conversando e descobrindo mais coisas em comum. O clima no São Vicente (e em todo o Rio de Janeiro) era de alto astral, alegria e união. Muitos sorrisos, risadas e jovens de vários países conversando e se divertindo. Foi muito bom poder participar desse sentimento.

Conseguimos, em uma semana, criar vínculo com várias pessoas, o que foi algo muito especial e inesquecível para nós. É difícil tentar explicar essa sensação que parece normal quando contamos para as pessoas, mas na verdade é algo muito grande que nem esse texto vai conseguir demonstrar totalmente.

Foi um grande choque voltar às aulas, pisar no Colégio alguns dias depois e ver que tudo voltou ao normal. Corredores vazios, salas de aula com carteiras, pátio sem banheiros químicos. Faltava aquele falatório em que conseguíamos ouvir português de Portugal, inglês e francês. Faltavam as músicas com o ukulele à noite, os jogos de baralho, as partidas de futebol de madrugada na quadra, os chás e biscoitinhos no pátio. Sentimos falta daquele sentimento da JMJ, daquela alegria contagiante e dos peregrinos. Aquela semana marcou muito, já que tivemos a oportunidade de ajudar nos divertindo além de conhecer muitas outras coisas que não vemos no Brasil e fazer grandes laços internacionais sem sair das fronteiras do país! Aliás... sem sair do nosso próprio Colégio!

Aquelas foram as melhores noites que já passamos no São Vicente. Recebemos muito carinho por parte dos peregrinos e ganhamos até lembrancinhas. Fico muito feliz e orgulhosa de fazer parte de um Colégio que nos dá uma oportunidade tão valiosa como essa.”

Clarisse Magalhães, Aluna do 2ºB

Uma aluna do Ensino Médio e o Coordenador da Pastoral do São Vicente relatam a experiência de acolher e conviver no Colégio com cerca de 300 jovens estrangeiros durante o evento de julho



Clarisse, ao centro, com as colegas Gabriela e Fernanda, confraternizando com os amigos canadenses, conhecidos durante a JMJ



“Aquelas foram as melhores noites que já passamos no São Vicente. Recebemos muito carinho por parte dos peregrinos e ganhamos até lembrancinha.”
Clarisse Magalhães

Os peregrinos que se hospedaram no colégio assistiram missa no ginásio, celebrada conjuntamente em mais de um idioma



Na programação não faltou visita ao Cristo Redentor





Zeduh, Pe. Eduardo e Pe. Maurício com o arcebispo da diocese de Montreal, Mgr. Christian Lépine

“Foram dias que demonstraram que temos muito a contribuir para que nossos jovens possam crescer sem medo de se manifestar como agentes de transformação social.”

Zeduh

“O texto da Clarisse define bem o compromisso dos Alunos e Alunas (daqueles que puderam participar) deste Colégio. Iniciamos a preparação da Jornada Mundial da Juventude, em outubro de 2012.

Foram muitas reuniões entre nós do Colégio com um representante da Arquidiocese do Rio de Janeiro, com a paróquia São Judas Tadeu, que também acolheria 400 jovens meninas da América Latina. Sabíamos que tínhamos um grande evento pela frente e tínhamos a certeza de que nos daria trabalhos imensos. Sem contar com a nossa falta de experiência em acolher tantas pessoas assim, em um tempo diferente do nosso cotidiano escolar.

Tínhamos uma estrutura bastante grande para organizar, não apenas física, mas sobretudo logística, e não teríamos feito nada disso sem a ajuda de Pais, Alunos, Professores, Funcionários e Amigos que puderam contribuir para este momento rico em trocas culturais, partilhas de fé e esperança. Foram dias que demonstraram que temos muito a contribuir para que nossos jovens possam crescer sem medo de se manifestar como agentes de transformação social.

Ficaram hospedados aqui no Colégio 322 pessoas de língua Inglesa e Francesa, advindas do Canadá, Nova Zelândia, EUA e Países Baixos. Foram utilizadas todas as salas do 1º e do 2º andar, 3 salas do 3º andar e a sala de exposição, para dormitório dos peregrinos. Contamos com a ajuda de um Voluntário da Arquidiocese e 35 Voluntários aqui do Colégio: Pais, Alunos, Professores e Amigos. Pe. Eduardo (Diretor Administrativo), Pe. Maurício (Assistente da Direção), eu mesmo (da Equipe ComPasSo), Walcir e Bianca (Secretários

da Administração) estivemos à frente da coordenação desse evento aqui no Colégio e trabalhamos muito.

Uma atividade desta importância gera encontros, diálogos, partilhas, correrias, contratações de serviços, buscas e esperanças de que o nosso legado vicentino é capaz de nos elevar e garantir a nossa capacidade de acolhimento e partilha. Enfim, confiamos na Providência Divina e no fazer de cada um nos fortalecemos.

A satisfação foi muito grande por parte dos que ficaram hospedados aqui no Colégio. Gostaram da nossa acolhida, curtiram os banhos gelados durante a noite ou o da madrugada. Com certeza, o Cristo Redentor nunca foi tão fotografado nestes 54 anos, pois foram noites e noites de muitos flashes, quase noites inteiras!

Penso que podemos, como Educadores e Pais/Mães, refletir com nossos jovens qual é o papel deles nesta realidade em que vivem. Ajudando-os a perceber o quão é importante a participação em eventos que possibilitem o aprofundamento do compromisso da fé em busca de ações concretas de solidariedade e compromisso social”.

José Eduardo (Zeduh), Professor de Religião e membro da Compasso

CORAL

Nossos jovens nos 25 anos do Cantapueblo



Com o apoio da APM, o São Vicente A Cappella viajou em novembro à Argentina para participar do maior festival de canto coral das Américas

Quando em 1989 os argentinos Alejandro Scarpetta e León Repetur criaram o festival Cantapueblo de canto coral talvez não tivessem noção da proporção que ele iria tomar. Em sua 25ª edição, o festival se tornou o mais importante das Américas e um dos mais importantes do mundo, contando com a participação de mais de 100 corais de países como Rússia, Eslovênia, Equador, Brasil, Uruguai, Chile e Argentina e sendo assistido por mais de 300 mil espectadores.

Também a maestrina Patrícia Costa, ao entrar no São Vicente em 1993 com a proposta de criar um coro de adolescentes do Ensino Médio, não poderia imaginar o impacto que ele teria sobre o Colégio. Hoje, além do São Vicente Ensino Médio (SVEM), o primeiro de todos os corais criados por Patrícia, existem também os grupos Meninas Cantoras, Preparatório Masculino, Coro Infantil, Coro Mirim, os adultos São Vozes e Amigos do São Vicente, e o São Vicente A Cappella (SVAC), um coral mais maduro para o qual é preciso já ter certo preparo para se entrar. Dele participam jovens entre 12 e 22 anos, alunos e ex-alunos do colégio e também integrantes da comunidade. E este ano, pela primeira vez, graças à excelência do trabalho desenvolvido, o SVAC fez uma viagem internacional para participar do maior festival de canto coral das Américas: o Cantapueblo, realizado em novembro, na cidade de Mendoza, na Argentina.

“Nós já havíamos nos apresentado em diversos lugares fora do Rio de Janeiro, inclusive na primeira edição do Cantapueblo Brasil, que aconteceu em 2008. Quando os organizadores nos viram, nos convidaram para participar da edição 2013 do festival, na Argentina, que celebraria os 25 anos do evento. Não era uma viagem barata, mas contamos com um excelente apoio da Associação de Pais e Mestres. Os Alunos também confeccionaram camisetas e *bottons* para vender e angariar fundos, além das apresentações mensais que fizemos e cuja arrecadação foi revertida em caixinha para a viagem”, conta Patrícia.

O grupo se apresentou no dia 7 de novembro no Teatro Imperial de Mendoza. O sonho de levar o coral para o festival era antigo e compartilhado pela saudosa regente Malu Cooper, e a escolha de ser o São Vicente A Cappella a participar não foi ocasional. O coral surgiu em 1999 a partir de uma seleção de integrantes de outros corais do Colégio para participar do II Concurso Nacional Funarte de Canto Coral, no qual acabou em 1º lugar na categoria juvenil. Com o sucesso imediato, optou-se por não desfazer a formação, e assim nasceu o São Vicente A Cappella. Ele tem por objetivo desenvolver repertório sem acompanhamento instrumental, explorando peças de considerável grau de dificuldade e abrangendo períodos diversos. O coro procura também divulgar o repertório de música brasileira erudita ou popular, desenvolvendo uma linguagem identificada com a faixa etária dos adolescentes. Em 2008, visando o aniversário de 50 anos do Colégio, que seria no ano seguinte, um DVD do grupo foi gravado na Sala Cecília Meireles, custeado pela Associação de Pais e Mestres, e marcou mais um passo do seu amadurecimento.

Espaço de união e harmonia

“Trabalhar com jovens é a minha maior paixão, apesar de ter coros de outras faixas etárias; é meu foco profissional maior. Minha dissertação de mestrado foi sobre coro juvenil e agora, no doutorado, estou

Sob a regência de Patrícia Costa, o São Vicente A Cappella fez sua primeira viagem internacional, à cidade de Mendoza, na Argentina, para se apresentar no Teatro Imperial durante a 25ª. edição do festival de corais Cantapueblo.



pesquisando repertório para esse tipo de coro. Ou seja, é minha maior dedicação mesmo. Os adolescentes e jovens já são mais maduros para o trabalho coral (diferentemente do coro infantil), mas ainda não têm as couraças e preocupações dos adultos. Por estarem numa situação de aprendizagem cotidiana, absorvem conteúdo com muita facilidade, agilizando o trabalho. Estão ávidos por um canal de expressão e comunicação com o mundo; e o coral lhes oferece este espaço, inseridos num grupo sadio, onde impera a generosidade, a escuta ao outro, a ajuda, a união e a harmonia. Os ensaios são muito divertidos, comprometidos e, quase sempre, muito emocionantes”, revela Patrícia, que além de regente é também responsável pela direção cênica do grupo. A preparação vocal fica a cargo de Danilo Frederico.

A Professora de música dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, Débora Braga, viajou junto com o grupo a convite de Patrícia e diz ter ficado orgulhosa de vivenciar esse momento tão importante para o coral do qual já fez parte. Formada pela UniRio em 2006 e hoje trabalhando com iniciação musical através da flauta doce, ela conta que sua trajetória musical começou com o canto coral e que o São Vicente A Cappella teve influência marcante em sua vida. “Eu cantei no SVAC de 1999 até 2005, e foi por conta dele que acabei optando por fazer faculdade de música. É um coral conhecidíssimo em todo o Brasil, já fez diversas viagens para fora do Rio e é muito respeitado. Até dentro de universidades ele é reconhecido e apreciado e para mim viajar com ele foi como voltar ao passado de certa forma, à minha formação musical, àquilo que me motivou a fazer o que faço”, conta.

Débora ajudou de muitas formas, mas principalmente na parte fotográfica. Foram mais de mil fotos de toda a viagem à Argentina, que criaram um registro para não ser perdido, fotos que retratam momentos de amizade, empenho e companheirismo ainda mais profundos que os cotidianos. É que, segundo Patrícia, o grupo voltou da jornada bastante diferente: mais amoroso, colaborativo, amigo e cantando ainda melhor.

“Viajar com os corais é sempre muito bom. Exercitamos fora de nosso ambiente a vida na coletividade e temos que estar atentos ao movimento do grupo. Além disso, os argentinos nos receberam com um carinho imenso e ficamos muito tocados. Toda a atmosfera do Festival era de amor ao próximo, de união através do canto em grupo. Vivemos experiências maravilhosas que, certamente, levaremos para o resto de nossas vidas. Todos crescemos!”, concluiu Patrícia Costa.

Atualização do Projeto Político-Pedagógico dá mais um passo



Etapa final, que será concluída em 2014, é uma grande oportunidade para os pais opinarem sobre o rumo político-pedagógico do colégio

A atualização do Projeto Político-Pedagógico iniciada no começo do ano teve mais uma etapa concluída no fim de 2013 e agora caminha para sua fase final. As primeiras duas etapas foram denominadas “Ver” e “Julgar”, respectivamente, e a última terá o nome de “Agir”. Para a discussão e crítica dos diversos pontos do projeto, foram criados cinco grupos de trabalho correlacionados aos cinco eixos principais de reflexão: “Ciência e Tecnologia”; “O mundo do Trabalho: Produção, Consumo e Sustentabilidade”; “Relações Sociais: Exercício do Poder e Realização Humana”; “Cultura e Transcendência” e “Educação: Função Social, Serviço e Parceria”.

“Temos consciência de que o mundo hoje muda muito rápido. O projeto que está sendo atualizado foi escrito no ano 2000 e nesses 13 anos houve mudanças bastante grandes. Muitas mudanças já vinham acontecendo há muito tempo, mas não estavam tão evidentes quando da escrita daquele projeto. Não há a intenção de se mudar os princípios, as linhas mais gerais de ação da Escola, seus valores, etc. Nossos valores são permanentes. Mas no sentido metodológico, na relação com os Alunos, há muito a se modificar”, disse a Coordenadora Acadêmica Nina Vernes.

O evento que apresentou as conclusões de cada grupo no dia 9 de novembro contou com a participação de Professores, Coordenadores, Pais, Alunos, Funcionários e Amigos do CSVP. Foram lidos trechos do atual Projeto Político-Pedagógico do Colégio, apresentadas animações e vídeos de trabalhos feitos com os Alunos, além de poemas e reflexões acerca do mundo e do papel da Escola na atualidade. Nos boxes ao lado, uma pequena prova do que foi compartilhado no dia.



Texto do Diretor Pe. Agnaldo, originalmente publicado no site do Colégio:

Atualmente, a mudança social ultrapassa o ritmo da mudança escolar. Os desafios do futuro imediato impõem àqueles que buscam uma educação de qualidade fazer um movimento no sentido de rever e atualizar suas práticas à luz de novos cenários que já podem ser descortinados.

Em um contexto diverso, mutável e, até mesmo, turbulento, uma organização como a nossa Escola precisa ter a capacidade de transformar a si mesma, de se reorganizar para alcançar os fins desejados. Não se trata de mera preocupação com a sobrevivência da Escola e, portanto, não se cogita de mudança na direção de nosso propósito de formar agentes de transformação social, mas de perseguir este ideal com base nas necessidades e oportunidades que a nova realidade nos aponta.

Acreditando que podemos e precisamos investir nesse trabalho de atualização de nosso Projeto Político - Pedagógico, estamos convidando toda a comunidade do Colégio São Vicente de Paulo para revisitá-lo e, conosco, pensar os caminhos que nos levarão a evoluir no sentido de reconstruir continuamente uma escola progressista e transformadora.

Aguardamos Professores, Funcionários, Pais ou Responsáveis, Alunos e ex-Alunos que possam e queiram contribuir com sua reflexão para essa jornada que empreenderemos, na convicção de que a mudança é possível, se sonharmos e trabalhamos juntos.

Pe. Agnaldo, C.M.

Trecho de abertura do Projeto Político-Pedagógico aprovado no ano 2000, atualmente em revisão:

Estamos numa época de profunda crise mundial, que afeta todos os aspectos de nossa vida, de modo paradoxal (porque teríamos meios, estratégias e recursos para conjurar todos os desafios econômicos, políticos e sociais). Trata-se de uma crise ou de uma crise de transição? Já não conseguimos entender a realidade global com os esquemas do mundo mecanicista da ciência cartesiana ou newtoniana. Os valores fundamentais da existência (justiça social, solidariedade, igualdade, liberdade, autonomia) estão abalados. Não há uma força espiritual que possa estabelecer uma ordem justa e solidária.

Há forças materiais imensas que produzem bens para o consumo, mas sem referência a fins ou valores. Predomina a ética do subjetivismo e do individualismo. Parece, entretanto, que se trata antes de uma crise dos países ricos do mundo ocidental (que acabam exportando para as economias periféricas a recessão, o desemprego, a deterioração da vida pública, um crescimento quase nulo).

A Escola, nessa hora, é chamada a duas tarefas: educar para o trabalho em meio às exigências da economia globalizada e formar cidadãos conscientes do mundo em que vivem (chamados a uma convivência afetiva e integrada, democrática e participativa, solidária e co-responsável). Como Educadores, precisamos de meios para enfrentar a realidade: interpretá-la cientificamente (com a ajuda das ciências sociais), conhecer as repercussões culturais e éticas da realidade e conhecer as possibilidades pedagógicas de influir sobre a realidade. (...)

**Poema de Bertold Brecht lido pelo grupo Relações Sociais:
Exercício do Poder e Realização Humana:**

De que Serve a Bondade

1
De que serve a bondade
Quando os bondosos são logo abatidos, ou são abatidos
Aqueles para quem foram bondosos?
De que serve a liberdade
Quando os livres têm que viver entre os não-livres?
De que serve a razão
Quando só a sem-razão arranja a comida de que cada um
precisa?

2
Em vez de serdes só bondosos, esforçai-vos
Por criar uma situação que torne possível a bondade, e melhor:
A faça supérflua!
Em vez de serdes só livres, esforçai-vos
Por criar uma situação que a todos liberte
E também o amor da liberdade
Faça supérfluo!
Em vez de serdes só razoáveis, esforçai-vos
Por criar uma situação que faça da sem-razão dos indivíduos
Um mau negócio!

*Retirado de "Lendas, Parábolas, Crônicas, Sátiras e outros Poemas"
Tradução de Paulo Quintela*

**Trechos do texto final do grupo Cultura
e Transcendência:**

Reconheço em mim marcas de minha história que me definem; no entanto, proponho que minhas marcas me façam reconhecer a diversidade de tantas outras histórias que, tal como a minha, esperam ser aceitas e acolhidas... Porque são únicas.

Reconheço em mim que busco ser sujeito (a) de minha história; no entanto, proponho que os enlaces das tão distintas trajetórias, que se entrecruzam com a minha, me encorajem a revitalizar a minha própria trajetória com outros aprendizados e a partilhar com o outro o que há de mais virtuoso em mim.

Reconheço em mim que sou frágil e limitado; no entanto, proponho que ao me aproximar do outro, também limitado, nos solidarizemos e, complementarmente, convertamos nosso encontro em múltiplas possibilidades.

Reconheço em mim que a ignorância e o desconhecimento de todos os porquês é o que mais persiste; no entanto, proponho estar aberto a outras "verdades" para que minha paz se renove.

NOTAS

Festa Junina

A Festa Junina de 2013 foi na verdade Junina: aconteceu no dia 5 de julho e foi dividida em turnos. As turmas do 4º e 5º ano foram as primeiras a se apresentar, seguidas pelos 1º, 2º e 3º anos. À tarde foi a vez do segundo segmento do Ensino Fundamental e finalmente do Ensino Médio participar. Bandeirinhas e balões espalhados, música ao vivo e barraquinhas e quitutes tradicionais criaram o cenário da festa, que foi animada ainda pelas gincanas, danças e paródias feitas pelos Alunos. A novidade da festa foi o concurso de caipira entre Funcionários e Professores, que deu duas cestas com alimentos típicos aos vencedores.



O cientista social Ricardo Ismael analisa os movimentos de junho

Debate sobre as manifestações no país

Em meio ao calor das manifestações que tomaram as ruas do país em junho, os Alunos do Greco organizaram um debate sobre o tema para Alunos do 9º ano do EF à 3ª série do EM. No dia 26 de junho o ginásio do Colégio foi tomado por Alunos, Professores, Funcionários e Convidados, que travaram um intenso diálogo sobre os movimentos das ruas. Os Professores Ricardo Ismael, da PUC-Rio, Luiz Felipe, do Colégio Liessin, Helcio Alvim Filho, Coordenador do CSVP e a jornalista e mãe de Aluno Roberta Canuto foram os convidados da mesa. Também falaram mais demoradamente o Aluno Fernando Carneiro, da 2C, e Padre Maurício, que abordou a importância da mobilização e do engajamento de todos, principalmente dos jovens, nos movimentos sociais.

Encontro com Chargista

Uma atividade muito legal que foi realizada pelo Minigrêmio no final de agosto foi a palestra do chargista Mário Alberto, do jornal esportivo *Lance*. O evento fazia parte da plataforma de campanha da chapa eleita para o Minigrêmio, que prometia encontros com artistas, escritores ou ilustradores. O *Lance* é um jornal lido por muitos alunos do São Vicente e vários deles conheciam algumas das charges que foram apresentadas por Mário Alberto. Pra quem não sabia, o chargista explicou a diferença entre charge (desenho que descreve uma notícia, com fatos e pessoas conhecidas, sempre de forma humorística), cartum (apenas um desenho de humor) e caricatura (desenho de alguém com características acentuadas). E ao final da palestra, fez duas charges para os alunos adivinharem do que se tratava.



Mário Alberto, do *Lance*, mostra seu trabalho para os alunos do 4º ano





Christine e Brenda foram em busca de livros para o 9º ano

Troca-troca de Livros

Nos dias 16, 17 e 18 de dezembro foi realizada a já tradicional Troca-troca de Livros, organizada pela Compasso. Alunos de diversas séries levaram seus livros para trocar pelos dos anos seguintes. A iniciativa, entretanto, não teve este ano a adesão esperada, e muitos Alunos aguardaram em vão pelos livros dos anos subsequentes. Os Inspetores José Ricardo e Luciano, que ajudam já há alguns anos na supervisão do evento, reforçam que a divulgação deveria ser maior e começar mais cedo, já em outubro. “A troca de livros é muito importante, tanto por uma questão financeira, para quem recebe os livros, quanto do ponto de vista da educação para um consumo consciente e ecológico. Geralmente temos uma procura grande, mas sem dúvida temos que divulgar mais o evento para que ele se torne uma prática comum e natural entre todos os Alunos”, relatou Luciano.

Teatro Infantil

Os Alunos do Curso de Teatro Infantil, dirigidos pelo Professor Lauro Basile, fizeram duas apresentações super bacanas no fim do ano. No dia 4 de dezembro, as turmas do 4º e 5º anos encenaram **Pluft, o Fantasmilha**, de Maria Clara Machado, numa montagem pedagógica adaptada por Lauro. A peça foi muito divertida e contou com viva participação da plateia, que cantou a Música de Maribel, a menina salva por marujos e fantasmas. No dia 10, foi a vez dos alunos do 1º ao 3º ano apresentarem **Cenas da Vida**, adaptação livre, do professor, de textos de diversos autores, entre eles Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino. Muito bom ver o desenvolvimento dos alunos e como eles se envolvem com seus papéis!



O professor Lauro Basile dirige a aluna Lia Facó, do 1º ano, em *Cenas da Vida*

Teatro Juvenil

Já o Teatro Juvenil do CSVP apresentou nos dias 31 de outubro e 1 de novembro o espetáculo **Para Gostar de Ler**. A peça, dirigida pela Professora Joana Cabral, é uma adaptação, feita pelos Alunos, de crônicas e poesias de diversos autores que fazem parte da famosa e antiga coleção de livros do mesmo nome. Ao todo foram contadas oito divertidas histórias e sete poesias foram recitadas. “A noite da estreia foi muito especial, pois ainda contou com os alunos da EJA fazendo a sua primeira apresentação teatral e abrindo a noite para o Teatro Juvenil. Viva a integração entre os Alunos da nossa escola! Parabéns aos Alunos atores!”, disse a Professora Joana.



RELATOS

Auto do Boi Vicentino

O projeto de Artes junto às turmas do 5º. ano desenvolveu uma pesquisa sobre as brincadeiras populares brasileiras. Encontramos no Auto do Boi a possibilidade de aprender sobre diferentes danças de conjunto que fazem parte do contexto vivido pelos personagens individuais da trama.

Os estudantes assistiram vídeos sobre as danças brasileiras através do documentário *Danças Brasileiras*, de Belizário França, apresentado por Antônio Nóbrega e Rosane Almeida. Nele os Mestres Aldenir do Reisado, Ciriaco do Boi de Pindaré, Walter do Maracatú, Salustiano e Pedrinho do Cavalinho, Paulinho e Zé Alfaiate do Caboclinho, entre outros, são reverenciados pela Arte que praticam a que dão continuidade.

O Auto que preparamos reúne os interesses dos grupos que foram aparecendo ao longo dos ensaios nas aulas de Arte. A primeira apresentação realizada no Auditório do Colégio contou com a imensa alegria e responsabilidade dos estudantes nessa nossa nova brincadeira!

Luciana Grether Carvalho, Professora de Artes



O *Burguês Fidalgo*, de Molière, foi encenados nos dias 3, 4 e 5 de outubro

Teatro do Ensino Médio

“Quem me dera ser o que não sou”. O primeiro verso de nossa canção de abertura parece resumir toda intenção de nossa montagem. Por que queremos sempre ser o outro? Por que vestimos tantas máscaras? Essas perguntas nortearam a abordagem do texto de Molière, *O Burguês Fidalgo*.

Nesta peça, o autor nos conta as aventuras de um burguês que queria ser nobre. Para isso contrata professores de diversas áreas, mais interessado no status que isso representa do que naquilo que lhe é ensinado. Sua preocupação excessiva com aparência o leva a vestir-se e comportar-se como um títere para parecer da nobreza. Como crítico feroz de sua época, Molière atacou os falsos beatos, os intelectuais presunçosos, a medicina, a nobreza ociosa e opulenta e valorizou como ninguém o saber popular e a vivacidade e paixão dos jovens. Nossa montagem é uma livre adaptação do texto de Molière. Procuramos recuperar o caráter popular de suas peças, que buscava o riso farto capaz de atingir todas as camadas sociais. Assim, buscamos criar referências com o nosso cotidiano de experiências, com o universo do circo e das máscaras da *Commedia dell' arte*.

Mais uma vez nossos atores estão maravilhosos! Todos cantam, dançam, exibem seus talentos acrobáticos, vivenciam os personagens e se exercitam na difícil tarefa de fazer rir, mas principalmente se mostram felizes e potentes e é tão somente essa a função da Arte na escola.

Ana Brasil, Professora de Teatro



No dia 23 de setembro, alunos do 5º ano apresentaram o auto do boi no auditório

Formatura do 3º ano

O Pe. Agnaldo, diretor do Colégio São Vicente, me convidou de modo muito gentil: "o senhor é nosso convidado para a presidência da celebração do dia 28 de novembro, formatura das turmas do 3º ano do Ensino Médio, às 19 horas" (e-mail do dia 23-11-2013). Aceitei muito alegre, pela oportunidade de participar da vitória de moçada que vi começando o Colégio, há onze ou doze anos, que acompanhei no crescimento, nas realizações e em muitas aventuras, dentro e fora do Colégio. Foi festa carinhosa, no pátio interno, ao lado dos pilotis onde passei mil e mil vezes, vendo a Meninada sair para casa, e onde os esperava de manhã ou à tarde e os recebi sempre com esperanças e confiança. Foi gostoso abraçar no dia do triunfo os que de longe fui seguindo e apoiando, no futebol, nas excursões, nas conversas em particular, nos Conselhos de Classe.

A missa foi presidida pelo Pe. Maurício Paulinelli, que tem representado o Pe. Agnaldo quando a universidade o ocupa, e ele o fez de modo brilhante, com uma homilia caprichada. Tive oportunidade de falar, após a celebração, ao receber a homenagem muito sensível dos Alunos e Alunas do 3º Ano, de que, devo dizer com simplicidade, tinha sentido falta e que me emocionou pela minúcia de certas lembranças de nosso convívio ao longo dos anos.

A alegria aumentou, uma semana depois, com as celebrações da Primeira Eucaristia, para as quais o Pe. Agnaldo também me convidara e em que fui ajudado pelo Pe. Maurício, que me liberou para animar a participação dos Meninos e Meninas com os gestos litúrgicos.

Duas excelentes ocasiões de voltar ao Colégio e rever os Amigos e Amigas em momentos marcantes.

Pe. Lauro Palú, C. M.

Luanda, formanda do 3º B, presenteia Pe. Lauro com uma orquídea



No dia 31 de outubro, foi celebrada a Missa da Família no pátio do colégio

Semana da Família

Pensar esta semana de atividades que envolvem as famílias foi uma tarefa agradável de realizar. Estivemos reunidos com diversas pessoas da comunidade educativa que ajudaram a construir e apoiar esta ideia. Foram eles: Padre Agnaldo (autor da ideia), Zeduh (Pastoral), Professores Maria Amélia e Albino (EJA), Cristiano (9º ano), Beatriz Sá (F.2), Beth (Grupo Religioso) e Simone Fuss (APM). Deste grupo surgiram as organizações para que pudéssemos envolver toda Escola neste novo objetivo que veio no sentido do crescimento transformador, no qual todos somos convocados a contribuir para uma qualidade de vida a partir do diálogo.

A CNBB nos convoca, a cada ano, para somar como família, dialogar e buscar caminhos de melhores convivências. A Escola não pode deixar de participar, fazendo assim com nossos Alunos e Alunas uma boa reflexão sobre temas que nos ajudam a desenvolver o amor e a troca afetiva com aqueles que nos são queridos. E nada mais justo do que fazermos isso onde as crianças passam boa parte do tempo e, com certeza, complementam o seu processo educativo.

A missa foi celebrada no dia 31/8 às 18h, no pátio. Foi um momento de encontro com Deus e com um pouco de cada Aluno e Aluna e suas Famílias. Crescemos como família humana, Vicentina, buscando a participação e a convivência. Durante a Liturgia da Palavra (Deus nos Fala), os Alunos e Alunas menores foram realizar algumas tarefas nas salas de aula para mais tarde, com os Professores, trazer para a celebração. Tudo foi muito bonito e alegre.

Zeduh, Compasso

FORMANDOS 2013



3º A

AIMÉE WEISS FERNANDES . AMANDA TEIXEIRA BÖTNER . ANA HEYMANN ARRUTI . ANTONIO SAISSE TUPINAMBÁ GRAÇA . BERNARDO CARDOSO COPELLI . BRUNA GUARINO MORAES . CAROLINE CAMPOS GONÇALVES . CLARA MOTTIA VEIGA ALVES . DENISE MONTEIRO MARTINS . EDUARDA CID LOUREIRO B. DE OLIVEIRA . ELISA RODRIGUES SILVA . GABRIEL DOS ANJOS FLORIANO SOARES . GUILHERME BALDANZI MORGAN LOUREIRO . GUILHERME CARVALHO PIMENTEL . GUILHERME CORDEIRO PEREZ POMBAL . GUSTAVO DE CASTRO CLAUDIO . IAN FONSECA COQUET . ISIS ANDRADE VAN EYKEN . JOÃO GABRIEL ALEGRIA DOMINGUES . JOÃO PEDRO GASCO LOURENÇO . JOÃO PEDRO PASSOS DE QUEIROZ . JULIA QUEIROZ TREIGER . LUCAS CRESPO NOGUEIRA . LUCAS FARINA SOUZA DE ANDRADE ALVES . LUCAS FERNANDES LIMA . LUIZA PERCIA MENNA BARRETO . MAIARA ALBUQUERQUE LIMA DA SILVA . MARINA ANN MARTINS-IDE . MIGUEL DE CARVALHO ADRIÃO . RAFAEL PIMENTA DA SILVA . RAPHAEL KREIDELMAN KALE TORRES . SOFIA CASTRO SCHWANDT . THAIANI LUTCHIA DANIELS . THEO MAGALHÃES VILLAÇA . TIAGO LUBIANA ALVES . VITOR BUNJES LOPES . VITOR GOMES MIRANDA



3º B

ALEXANDRE RODRIGUES MOTTA . ALICE TAVARES LIMA DE ARAUJO . ALINE MENDONÇA LIMA DEGRAVE . ANA RIBEIRO CAMPOS PINTO . BERNARDO FERNANDES KAUFFMAN . BRENO MARTINS FRAZÃO . BRUNA GOMES MUXAGATA CONRADO . CAMILA DE BRITO ELIA . CAMILA DO AMARANTE GARRITANO . CLARA EGLER MARTINS . CLARA FORTES BRANDÃO . FERNANDA AZEVEDO VERZTMAN . FLORA MEDEIROS SAUERBRONN . GABRIELA RODRIGUES COSTA DE SERPA BRANDÃO . GIULIO DOS REIS FORGIARINI . HENRIQUE BRANDÃO DE BARROS PEREIRA . ISABELA MELE RESCALA . JOÃO GABRIEL PONCIANO REIS . LUANA ANDRADE LOBO . MARIANA MONTENEGRO BANHARO . NATHALIA BIZERRA DE OLIVEIRA . PATRICIA PEREIRA LIMA . STELLA MARIA VARGAS RESENDE . STEPHANE GRECO RABELLO MARQUES . TABATHA AVELLAR DE BARROS . THEO LOUZADA LOBATO . TIAGO MARÇAL FERREIRA . VICTOR DE MIRANDA FERRARI . VINICIUS DE AZEVEDO TANG . VINICIUS MENDONÇA LIMA DEGRAVE



3º C

ANA BEATRIZ DE MAGALHÃES POUGY . BEATRICE PENNA METZKER . BEATRIZ AMARAL BONIN . BEATRIZ RIBEIRO CABRAL . BRUNA CAMPOS GONÇALVES . CLARISSE DA VEIGA FRANKLIN DE AZEVEDO . CRISTIANA CARVALHO FERNANDES . FELIPE BEGNI PADILHA . GABRIELA LEON BARRETO DE OLIVEIRA . IGOR FURTADO MELO MAUL DE CARVALHO . JOÃO LUIZ HAHN PALUMBO . JOSÉ MIGUEL MEDEIROS PASSOS PEREIRA . JULIA ROCHA DA SILVA . LUIGI GELLY CHIARELLI . LUIZA CALDAS CARDOSO . LUIZA DANTAS FARIA DE MORAES MORGADO . MARCELA MUTZENBECHER GENTIL . MARIANA RANGEL DA SILVA . MARINA CRUZ PEREIRA DA COSTA . MARTIN BERMAN SZANIECKI . NINA COTRIM COUTINHO . NINA MEDEIROS DE SA . PEDRO MOREIRA AGUIAR DE BRITO . RAFAELA FONSECA DE CARVALHO . SARAH DISITZER NASCIMENTO . THAIS SERRATO CORTEZ DINIZ ROCHA LIMA . VAN DE AZEVEDO ALMEIDA

Projetos apoiados pela Associação de Pais e Mestres

Arquivo



Acervo Bibliográfico



Acervo Audiovisual



Caixa de Abelhas



Ciranda de Livros



Corais CSVP



Teatro



Corte e Costura



Educação Física



Revista A Chama



Voluntárias da Caridade

